

Colecção

Skiagraphia's

Dirigida por
Fernanda Bernardo

Travessias da Escrita

MIREILLE CALLE-GRUBER E MARIE-LOUISE MALLET

Da Hospitalidade

A. DUFOURMANTELLE E JACQUES DERRIDA

Le souverain Bien / O soberano Bem

JACQUES DERRIDA

Derrida à Coimbra / Derrida em Coimbra

FERNANDA BERNARDO (COORD.)

Carneiros. O diálogo ininterrupto: entre dois infinitos, o poema

JACQUES DERRIDA

Vadios

JACQUES DERRIDA

*Levinas Refém. A assinatura ético-metafísica da experiência
do cativo*

FERNANDA BERNARDO

O peso de um pensamento

JEAN-LUC NANCY

Dar a Morte

JACQUES DERRIDA

Endereçamentos – Saudando Jean-Luc Nancy em Coimbra.

*Aproximações da «Arte» e da «Política» / Adresses – Saluant Jean-
-Luc Nancy à Coimbra. Approches de «l'Art» et de «la Politique»*

FERNANDA BERNARDO (COORD.)

A Adoração (Desconstrução do Cristianismo, 2)

JEAN-LUC NANCY

Maurice Blanchot. A Literatura nos limites da Filosofia
HUGO MONTEIRO

O Deserto Malva
NICOLE BROSSARD

A Declosão (Desconstrução do Cristianismo, 1)
JEAN-LUC NANCY

Idiomas da diferença sexual
HÉLÈNE CIXOUS E JACQUES DERRIDA

Derrida leitor de Heidegger (après les Cahiers noirs)
CRISTINA DE PERETTI, MICHEL LISSE, JEAN-LUC NANCY
E FERNANDA BERNARDO

Derrida – o dom da différence
FERNANDA BERNARDO

Dicionário do Curso Filosófico Conimbricense
MÁRIO SANTIAGO DE CARVALHO

Baroque Metaphysics. Studies on Francisco Suárez
SIMONE GUIDI

Derrida – Em Nome da Justiça
Do Cosmopolitismo à Alter-Mundialização por vir
(Kant – Celan – Levinas – Derrida)
FERNANDA BERNARDO

Espectros de Marx
JACQUES DERRIDA

A BESTA E O SOBERANO
Volume I
Seminário (2001-2002)
JACQUES DERRIDA

Palavras Nocturnas
JACQUES DERRIDA - ALAIN VEINSTEIN
(no prelo)

Jacques Derrida

A Besta e o Soberano
Volume I
Seminário (2001-2002)

Edição estabelecida por
Michel Lisse, Marie-Louise Mallet, Ginette Michaud

Tradução e Notas
Fernanda Bernardo

Palimage
A Imagem e A Palavra

O nosso sentido agradecimento a Jean Derrida,
a Vera Derrida Novak e a Lucien Derrida
pela extraordinária generosidade da
sua autorização desta tradução

Introdução Geral

A edição integral dos seminários e cursos de Jacques Derrida oferecerá ao leitor a *chance* de um contacto, inédito em mais de um sentido, com a palavra docente do filósofo. Esta edição constituirá uma nova parte da sua obra, a distinguir dos livros e de outros textos publicados em vida, ou por ele revistos antes da sua morte, e com um estatuto evidentemente diferente. Tomados como um todo, mas também na sua relação com a sua obra filosófica, estes cursos e seminários constituirão um incomparável instrumento de investigação e darão ainda, julgamos nós, uma outra experiência do seu pensamento, ligada desta vez ao seu ensino, que foi sempre, tanto em França como no estrangeiro, um recurso absolutamente vital da sua escrita.

O *corpus* que preparamos para edição é vasto. Desde o início da sua carreira docente que Jacques Derrida tinha adquirido o hábito de redigir inteiramente quase todos os seus cursos e seminários. Dispomos, neste caso, do equivalente a umas 14 000 páginas impressas, ou seja, quarenta e três volumes, à razão de um volume por cada ano de ensino. Pode classificar-se este material de acordo com diferentes critérios. Em primeiro lugar, pelo lugar onde o ensino ocorreu: a Sorbonne de 1960 a 1964; a École Normale Supérieure da Rue d'Ulm de 1964 a 1984; a École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) de 1984 a 2003¹. De seguida, de acordo com o tipo de ensino:

¹ Haveria que acrescentar os lugares norte-americanos: a partir do Outono de 1968, e até 1974, Derrida ensinou na Universidade Johns Hopkins (Baltimore),

curso com um número de sessões muito variável (de uma a quinze) até 1964; aquilo a que daí em diante ele chamava sempre «seminários». Finalmente – e sem dúvida o mais pertinente para o trabalho editorial –, de acordo com os instrumentos de trabalho: sessões manuscritas de 1960 a 1969; escritas à máquina, com anotações e correcções manuscritas, de 1969 a 1987; redigidas no computador de 1987 a 2003.

Os seminários de Jacques Derrida, que tinham a sua forma própria e que atraíam já um público amplo e numeroso, plurinacional, à Rue d’Ulm (em que a escolha dos assuntos e dos autores, se não a maneira de os tratar, era forçada pelo programa da agregação), tomam o seu carácter definitivo na EHESS, onde, à quarta-feira das 17 às 19 horas, à razão de uma dezena de sessões por ano, Jacques Derrida lia, diante de um vasto auditório, improvisando um pouco, o texto do seu seminário, que redigia inteiramente ao longo de todo o ano. (A isto, há que acrescentar algumas sessões improvisadas, por vezes em torno da explicação de um texto, e algumas sessões de discussão.) Uma vez livre para escolher os assuntos, Derrida lança projectos de investigação que duram vários anos e que se encadeiam de maneira explícita, coerente e cativante. A grande questão «Nacionalidade e nacionalismo filosóficos» (1984-1988) leva à das «Políticas da Amizade» (1988-1991), depois ao conjunto intitulado «Questões de Responsabilidade» (1991-2003), que abordará sucessivamente o segredo (1991-

depois, a título de *Visiting Professor* em Humanidades, de 1975 a 1986, na Universidade de Yale, todos os anos, no Outono ou na Primavera, leccionou um seminário contínuo. Assegurou, de 1987 a 2003, um ensino regular na Universidade da Califórnia (Irvine) e em New York, na New School for Social Research, na Cardozo Law School e na New York University (1992-2003). Este ensino norte-americano (que, salvo excepções, reproduz os seminários parisienses) foi leccionado primeiramente em francês, mas, depois de 1987, a maior parte das vezes em inglês: Derrida improvisava no decurso da sessão uma versão inglesa do seu texto, que previamente tinha anotado com este fim.

1992), o testemunho (1992-1995), a hostilidade e a hospitalidade (1995-1997), o perjúrio e o perdão (1997-1999), a pena de morte (1999-2001), para desembocar nos dois últimos anos consagrados às questões da soberania e da animalidade com o título «A Besta e o Soberano» (2001-2003).

Jacques Derrida tinha o hábito de recorrer ao abundante material destes seminários para as numerosíssimas conferências que cada ano proferia pelo mundo fora, e frequentemente, por esta via, certos fragmentos dos seminários encontram-se retocados e publicados. Por outro lado, vários dos seus livros têm o seu ponto de partida no trabalho do seminário: uma grande parte de *De la Grammatologie* (1967), por exemplo, desenrola sessões de um seminário de 1965-1966 sobre «Natureza, Cultura, Escrita»; o seminário sobre «A família de Hegel» (1971-1972) será retomado em *Glas* (1974); *Politiques de l'amitié* (1994) apresenta-se explicitamente como a expansão da primeira sessão do seminário de 1988-1989, e nele se encontram de facto também o rastro de outras sessões. Apesar destes recortes e destas recuperações parciais, a enorme maioria das páginas escritas de semana a semana para o seminário permanece inédita e trará incomparáveis complementos à obra já publicada. De cada vez que uma sessão foi objecto de uma edição ulterior por Jacques Derrida, modificada ou não, esta última será assinalada e referenciada. Consideramos que não pertence à edição dos seminários propriamente ditos, que são materiais originais, propor uma leitura comparativa destas versões.

Já o assinalámos: o trabalho de edição varia consideravelmente de acordo com o modo de produção do texto. Para o período da máquina de escrever, múltiplas rasuras e anotações manuscritas solicitam um trabalho não negligenciável de decifração: mais ainda para os seminários inteiramente redigidos

à mão, com a bela, mas difícil, escrita de Jacques Derrida, que exigem um meticuloso trabalho de transcrição. Num primeiro tempo, então, publicaremos os seminários dos últimos vinte anos, começando pelo último, preparando ao mesmo tempo os restantes. Em todos os casos, o nosso primeiro objectivo é apresentar o *texto* do seminário, tal como ele foi *escrito* por Jacques Derrida, *em vista* da palavra, da leitura em voz alta, por conseguinte com algumas marcas de oralidade antecipada e alguns meneios familiares. Não é certo que Jacques Derrida tivesse publicado estes seminários, embora tenha por vezes expresso essa intenção², mas é provável que, se tivesse retomado estes textos para publicação, os tivesse voltado a trabalhar, como sempre fazia, no sentido do texto escrito. Não assumimos, evidentemente, fazer um tal trabalho nas suas vezes. Como o indicámos mais acima, o leitor poderá comparar a versão original, que aqui apresentamos, com algumas das sessões publicadas separadamente pelo próprio Jacques Derrida.

Geoffrey Bennington
Marc Crépon
Marguerite Derrida
Thomas Dutoit
Peggy Kamuf
Michel Lisse
Marie-Louise Mallet
Ginette Michaud

² Veja-se, por exemplo, o «Avant-Propos» de *Politiques de l'amitié, suivi de l'Oreille de Heidegger*, (Paris: Galilée, 1994), p. 11.

N.T.: Tradução portuguesa de Fernanda Bernardo, «Prólogo» de *Políticas da amizade, seguido de O ouvido de Heidegger* (Porto: Campo das Letras, 2003), p. 9.

Nota dos Editores

O seminário intitulado «A Besta e o Soberano» foi o último dos leccionados por Jacques Derrida na *École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS)*, em Paris, do Outono de 2001 à Primavera de 2003. Em vez de dele tentarmos fazer um resumo, forçosamente redutor, reproduzimos aqui a sua apresentação feita por Jacques Derrida no *Annuaire* da *EHESS*:

«Prosseguimos investigações que nos anos precedentes, em torno do problema da pena de morte, nos tinham conduzido a estudar a *soberania*, a história política e onto-teológica do seu conceito e das suas figuras. Este ano, privilegiámos deliberadamente o que entrelaçava esta história com a de um pensamento do vivente (do biológico e do zoológico), mais precisamente com a do tratamento da vida dita animal em todos os seus registos (caça e domesticação, história política dos parques e jardins zoológicos, criação, exploração industrial e experimental do vivente animal, figuras da «bestialidade», da «bestice» [«*bêtise*»], etc.). Não se tratava somente de estudar, desde Aristóteles, e até nas discussões contemporâneas (Foucault, Agamben), os textos canónicos em torno da interpretação do homem como «animal político». Era sobretudo preciso explorar as «lógicas» que organizavam, ora a submissão da besta (e do vivente) à soberania política, ora uma analogia irresistível e sobrecarregada entre uma besta e um soberano que é suposto partilharem o lugar de uma certa exterioridade em relação à

* N.T.: Veja-se adiante a *Nota de Tradução* da Primeira Sessão do *Seminário*, p. 23-24

«lei» e ao «direito» (fora da lei: acima das leis: origem e fundamento da lei).

Estudámos um grande número de indícios filosóficos, retóricos, políticos, etc., desta sobre-determinada analogia (*Fábulas* de La Fontaine e a tradição que as precede ou as segue, textos de Maquiavel, de Schmitt, etc.) Tentámos também uma espécie de taxinomia das figuras animais do político, e nomeadamente do ponto de vista da soberania (sempre fora da lei: acima das leis). Ao lado do leão, da raposa, etc., a «personagem» do lobo (em numerosas culturas) e frequentemente do «lobisomem» (na Europa) ocupou-nos muito de Plauto a Hobbes e Rousseau.

No horizonte constante do nosso trabalho estão as questões gerais da força e do direito, do direito e da justiça, do «próprio do homem» e da interpretação filosófica dos limites entre o que se chama o homem e o que, abusivamente e no singular geral, se chama o animal. Sendo a «bestialidade» e a bestice supostamente próprias ao homem, na sua relação com o seu semelhante, e estranhas ao «animal», encetámos, deste ponto de vista, uma leitura problematizante de alguns escritos de Lacan sobre a «bestialidade», de Deleuze (*Différence et Répétition*) sobre a «bestice», de Deleuze e Guattari (*Mille Plateaux*) sobre o devir-animal do homem.»¹¹

*

A presente edição reproduz o texto escrito do seminário lido por Jacques Derrida aquando das sessões que tiveram lugar na *EHESS*. O primeiro volume deste seminário corresponde ao ano 2001-2002 e comporta treze sessões²², enquanto o segundo

¹ Jacques Derrida, «Questions de responsabilité (IX, La Bête et le Souverain)», no *Annuaire de l'EHESS 2001-2002* (Paris: Éditions de l'EHESS, 2002), p. 607-608.

² Existem dois jogos de textos do seminário «A Besta e o Soberano» depositados

(2002-2003) contará com dez. A maior parte deste seminário é inédita, excepto algumas sessões deste primeiro volume que foram objecto de apresentações por ocasião de diversos colóquios e que a seguir foram publicadas, com ligeiras variantes.

À excepção da nona e da décima-terceira sessões, todas as sessões deste seminário estão completamente redigidas. A nona é consagrada a um comentário improvisado do poema de D. H. Lawrence, *Snake* (a que é feita alusão em *Voyous*³, publicado em 2003), e a décima-terceira é uma sessão de conclusão que começa por um retorno, da parte de Jacques Derrida, ao começo do seminário. Em ambos os casos, estimámos que teria sido uma pena não juntar estas peças ao conjunto e fizemos delas, por isso, uma transcrição a partir de algumas breves notas e, sobretudo, de uma gravação⁴, mesmo se o leitor deve, é claro, ter presente que estas sessões permanecem inevitavelmente mais incertas do que as outras, uma vez que a sua transcrição não terá podido ser lida e revista pelo próprio autor. Por outro lado, Jacques Derrida deixava frequentemente um tempo para o intercâmbio com os participantes do seminário. Indicámos estes momentos nas sessões, mas decidimos igualmente não dar conta destas discussões que, embora gravadas (mas frequentemente de maneira tecnicamente deficiente,

no *Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine* (IMEC): o primeiro está muito ligeira e pontualmente anotado por Jacques Derrida, que corrigia ainda no momento da leitura, sempre efectuada de lápis na mão. Este jogo compreende por ordem todas as sessões do seminário, numeradas de 1 a 12 (sucessão que se encontra aqui modificada pela inserção da nona sessão improvisada; *cf. infra*, p. 383): é esta série que utilizámos como texto de referência da presente edição, e que doravante designaremos pelo termo «texto dactilografado». O segundo jogo comporta a série que Jacques Derrida utilizou para o seminário dado nos Estados Unidos, na Primavera de 2002 na Universidade da Califórnia (Irvine), depois, em Outubro de 2002, na New York University, na New School for Social Research e na Cardozo Law School: exceptuando a primeira sessão, encontra-se aí toda a série, numerada de 2 a 12.

³ J. Derrida, «La raison du plus fort (Y a-t-il des États voyous ?)», *Voyous. Deux essais sur la raison* (Paris: Galilée, 2003), p. 23.

⁴ Realizada e conservada por Marie-Louise Mallet.

tornando-se algumas vozes inaudíveis e, sobretudo, difíceis de identificar), nos pareceram levantar uma enorme quantidade de questões. Seguimos nisto o uso mais frequentemente adotado nas *Décadas de Cerisy* e nos principais colóquios consagrados à obra de Jacques Derrida.

No texto dactilografado do seminário, as indicações bibliográficas estavam o mais das vezes claramente indicadas, mas sob uma forma abreviada – nós precisámo-las e completámos igualmente as que faltavam, assinalando-o de cada vez pela menção «(N.E.)». Esta mesma menção é utilizada para todas as nossas outras intervenções editoriais. Um certo número de citações não tinham sido recopiadas no texto dactilografado – figuram aí na forma de fotocópias de páginas de livros e nós reinserimo-las recorrendo, quando tal foi necessário, às gravações das sessões para precisar o corte das passagens citadas. São, além disso, os livros de Jacques Derrida que nós utilizámos de cada vez que foi possível encontrá-los na biblioteca da sua casa, em Ris-Orangis. Em caso de incerteza, ou de investigações que se revelaram vãs para localizar o exemplar de que ele podia ter-se servido, virámo-nos para as edições tidas pelas mais seguras. Verificámos, e, se necessário, corrigimos o texto das citações feitas por Jacques Derrida, rectificando sem assinalar o que nos parecia serem erros de transcrição evidentes; em contrapartida, assinalámos, sempre que podiam ser significativas, certas modificações por ele trazidas às citações e às traduções. Enfim, para encerrar as indicações sobre as referências, no decurso do seminário, Jacques Derrida faz

* N.T.: Foram organizadas quatro *Décadas de Cerisy* em torno do pensamento e da obra de Jacques Derrida, cujo testemunho se encontra nas seguintes edições: Ph. Lacoue-Labarthe e Jean-Luc Nancy (dir.), *Les fins de l'homme* (Paris: Galilée, 1981); Marie-Louise Mallet (dir.), *Le passage des frontières. Autour du travail de Jacques Derrida* (Paris: Galilée, 1994); Marie-Louise Mallet (dir.), *L'animal autobiographique. Autour de Jacques Derrida* (Paris: Galilée, 1999); Marie-Louise Mallet (dir.), *La démocratie à venir. Autour de Jacques Derrida* (Paris: Galilée, 2004).

múltiplos reenvios aos seus trabalhos anteriores, já publicados ou não: nós referenciamos-las sempre que a citação é explícita, mesmo quando se trata de reenvios ao corpus, ainda inédito, dos próprios seminários.

Quanto aos aspectos mais técnicos deste trabalho, eles permanecem relativamente ligeiros e sucintos. Encontrar-se-á nesta edição o texto integral do seminário de Jacques Derrida tal como ele foi composto e disposto por ele, nomeadamente no respeitante às frases e aos parágrafos por vezes muito longos. Também, e a um nível mais micrográfico, a pontuação foi conservada, em particular todos os parênteses rectos, que são de Jacques Derrida; em raras ocasiões, procedemos, todavia, a algumas correcções ou a alguns retoques mínimos, quando a multiplicação de sinais, tais como colchetes, parênteses, travessões, ou, pelo contrário, a sua ausência tornava difícil o seguimento da argumentação.

Conservámos todas as marcas de oralidade do seminário, muito em especial o retomar das frases colocadas por Jacques Derrida entre parênteses rectos, mesmo se estas eram com frequência sensivelmente modificadas no decurso da leitura. No mesmo espírito, optámos por deixar entre parênteses certas notas de «regência», ou antes marcações cénicas, tais como «(Quadro)», «(Ler e comentar)», «(Reler)», «(Desenvolver)», que dão a entender o ritmo do seminário, as suas acentuações e as suas entoações. No caso de expressões por vezes ortografadas com ligeiras diferenças (uso de maiúsculas, de aspas, de itálico ou romano, elisões facultativas, etc.), não julgámos de bom tom recorrer a uma harmonização sistemática destas variações, não entrando estas em nada a legibilidade do texto. As palavras entre chavetas (< >) foram acrescentadas por nós para colmatar certas lacunas do texto dactilografado, o mais das vezes palavras omitidas. No dactilografado, a seguir ao texto de uma sessão, Jacques Derrida tinha por hábito anotar, de

maneira mais ou menos telegráfica, pistas de investigação a explorar. Estes «remates» eram por vezes reproduzidos de uma sessão para outra, modificadas e aumentadas se necessário. Na medida em que não constituem um texto corrido, não foram retomadas nesta edição.

Finalmente, agradecemos a Gil Anidjar, Joseph Cohen, Jean-Jacques Lavoie, Ursula Sarrazin e Stéphanie Vanasten, que consultámos para precisar ou verificar pontos de língua respeitantes às transliterações de palavras hebraicas, de traduções de expressões alemãs e de certas referências. Agradecemos muito em especial e calorosamente a Georges Leroux que reviu cuidadosamente as transliterações do grego. Por sua sugestão, decidimos seguir aqui o código utilizado por Émile Benveniste no *Vocabulaire des Institutions Indo-Européennes*.

Michel Lisse
Marie-Louise Mallet
Ginette Michaud